

(Prova Brasil). Leia o texto abaixo:
O homem que entrou pelo cano

Abriu a torneira e entrou pelo cano. A princípio incomodava-o a estreiteza do tubo. Depois se acostumou. E, com a água, foi seguindo. Andou quilômetros. Aqui e ali ouvia barulhos familiares. Vez ou outra um desvio, era uma seção que terminava em torneira.

Vários dias foi rodando, até que tudo se tornou monótono. O cano por dentro não era interessante.

No primeiro desvio, entrou. Vozes de mulher. Uma criança brincava.

Então percebeu que as engrenagens giravam e caiu numa pia. À sua volta era um branco imenso, uma água límpida. E a cara da menina aparecia redonda e grande, a olhá-lo interessada. Ela gritou: “Mamãe, tem um homem dentro da pia”.

Não obteve resposta. Esperou, tudo quieto. A menina se cansou, abriu o tampão e ele desceu pelo esgoto.

BRANDÃO, Ignácio de Loyola. Cadeiras Proibidas. São Paulo: Global, 1988, p. 89.

Na frase “Mamãe, tem um homem dentro da pia.” (l. 9), o verbo empregado representa, no contexto, uma marca de:

- (A) registro oral formal.
- (B) registro oral informal.**
- (C) falar regional.
- (D) falar caipira.

(Prova Brasil). Leia o texto abaixo:
A velha Contrabandista

Diz que era uma velhinha que sabia andar de lambreta. Todo dia ela passava na fronteira montada na lambreta, com um bruto saco atrás da lambreta. O pessoal da alfândega – tudo malandro velho – começou a desconfiar da velhinha.

Um dia, quando ela vinha na lambreta com o saco atrás, o fiscal da alfândega mandou ela parar. A velhinha parou e então o fiscal perguntou assim pra ela:

– Escuta aqui, vovozinha, a senhora passa por aqui todo dia, com esse saco aí atrás. Que diabo a senhora leva nesse saco?

A velhinha sorriu com os poucos dentes que lhe restavam e mais os outros, que ela adquirira no odontologista, e respondeu:

– É areia! [...]

Mas o fiscal ficou desconfiado ainda. Talvez a velhinha passasse um dia com areia e no outro com muamba, dentro daquele maldito saco. [...]

Diz que foi aí que o fiscal se chateou:

– Olha, vovozinha, eu sou fiscal de alfândega com quarenta anos de serviço.

Manjo essa coisa de contrabando pra burro. Ninguém me tira da cabeça que a senhora é contrabandista.

– Mas no saco só tem areia! – insistiu a velhinha. E já ia tocar a lambreta, quando o fiscal propôs:

– Eu prometo à senhora que deixo a senhora passar. Não dou parte, não apreendo, não conto nada a ninguém, mas a senhora vai me dizer: qual é o contrabando que a senhora está passando por aqui todos os dias?

– O senhor promete que não “espia”? – quis saber a velhinha.

– Juro – respondeu o fiscal.

– É lambreta.

Disponível em:
<<http://pt.shvoong.com/books/1647797-velha-contrabandista/>>
Acesso em: 22 out. 2010.

Esse texto é engraçado porque

- A) o policial estava desconfiado da velhinha.
- B) o objeto contrabandeado era a lambreta.**
- C) a velhinha tinha poucos dentes na boca.
- D) a velhinha carregava um saco de areia.

Leia o texto abaixo.

Três de Julho – 1957

Agradeço a Deus a alegria de estar à frente do governo de Montes Claros na passagem do primeiro centenário da criação desta cidade. Nestes dias de festas, o meu pensamento se volta para aqueles que plantaram nos chapadões sertanejos a semente da cidade querida — que é, hoje, motivo de orgulho para todos nós. Saudemos com emoção os pioneiros do progresso de Montes Claros. A sombra tutelar daqueles que vieram antes de nós — que lutaram e sofreram sob os nossos céus lavados e límpidos — Montes Claros cresce. É através da lição dos batalhadores de ontem, que recolhemos o exemplo e o estímulo que nos dão coragem e fé para o prosseguimento da jornada. Na comemoração do centenário da cidade, queremos abraçar todos os filhos desta terra. O nosso abraço é também para aqueles que vieram de longe e vivem entre nós, amando e servindo a cidade generosa e hospitaleira, que os acolheu com carinho. Aos visitantes ora entre nós e que prestigiam,

D13 - Identificar as marcas linguísticas que evidenciam o locutor e o interlocutor de um texto.

com a sua presença, a celebração de centenário de Montes Claros o nosso agradecimento e a nossa saudação afetuosa. Cem anos. Rejuvenescida, palpitante de seiva e de vigor, cheia de vida, atinge a cidade de Montes Claros o seu primeiro centenário.

Nesta oportunidade, renovemos o compromisso de bem servi-la.

Geraldo Athayde – Prefeito Municipal de Montes Claros.

Observando a linguagem do texto, podemos dizer que:

- A) é a mais adequada para ser usada por todos os brasileiros.
- B) a língua sofre variações nos grupos sociais, no tempo e no espaço.
- C) é muito usada no cotidiano dos professores das escolas brasileiras.
- D) normalmente é empregada por jornalistas em jornais impressos.

Leia o texto abaixo e responda a questão.

Domingão

Domingo, eu passei o dia todo de bode. Mas, no começo da noite, melhorei e resolvi bater um fio para o Zeca.

— E aí, cara? Vamos ao cinema?

— Sei lá, Marcos. Estou meio pra baixo....

— Eu também tava, cara. Mas já estou melhor!

E lá fomos nós. O ônibus atrasou, e nós pagamos o maior mico, porque, quando chegamos, o filme já tinha começado. Teve até um mane que perguntou se a gente tinha chegado para a próxima sessão.

Sáímos de lá, comentando:

— Que filme massa!

— Maneiro mesmo!

Mas já era tarde, e nem deu para contar os últimos babados pro Zeca. Afinal, segunda-feira é de trampo e eu detesto queimar o filme com o patrão. Não vejo a hora de chegar de novo para eu agitar um pouco mais.

CAVÉQUIA. Márcia Paganini. In: <http://ensinocomalegria.blogspot.com>

Os dois personagens que conversam nesse texto são

- A) adultos
- B) crianças
- C) idosos
- D) jovens.

Leia o texto abaixo a seguir.

Pressa

Só tenho tempo pras manchetes no metrô
E o que acontece na novela
Alguém me conta no corredor
Escolho os filmes que eu não vejo no elevador
Pelas estrelas que eu encontro na crítica do leitor
Eu tenho pressa e tanta coisa me interessa
Mas nada tanto assim
Eu me concentro em apostilas coisa tão normal
Leio os roteiros de viagem enquanto rola o comercial
Conheço quase o mundo inteiro por cartão-postal
Eu sei de quase tudo um pouco e quase tudo mal
Eu tenho pressa e tanta coisa me interessa mas
nada tanto assim

Bruno & Leoni Fortunato. *Greatest Hits'80*. WEA.

Identifica-se termo da linguagem informal em

- (A) “Leio os roteiros de viagem enquanto rola o comercial.” (v. 9)
- (B) “Conheço quase o mundo inteiro por cartão postal!” (v. 10)
- (C) “Eu sei de quase tudo um pouco e quase tudo mal.” (v. 11)
- (D) “Eu tenho pressa e tanta coisa me interessa mas nada tanto assim.” (v. 12-13)

Leia o texto e responda.

Goiabada

Carlos Heitor Cony

Goiabada tinha cara de goiabada mesmo. Fica difícil explicar o que seja uma cara de goiabada, mas qualquer pessoa que se defrontava com ele, mesmo que nada dissesse, constataria em foro íntimo que Goiabada tinha cara de goiabada.

Eu o conheci há tempos, quando jogava pelada nas ruas da Ilha do Governador. Ele se oferecia para a escalação, mas quase sempre era rejeitado. Ruim de bola, era bom de gênio.

[...]

Perdi-o de vista, o que foi recíproco. Outro dia, parei num posto para abastecer o carro e um senhor idoso me ofereceu umas flanelas, dessas de limpar para-brisa. Ia recusar, mas alguma coisa me chamou a atenção: dando o desconto do tempo, o cara tinha cara de goiabada. Fiquei indeciso. Não podia perguntar se ele era o Goiabada, podia se ofender, não havia motivo para tanta e tamanha intimidade.

[...]

O tanque do carro já estava cheio, e o novo Goiabada, desanimado de me vender uma flanela, ia se retirando em busca de frequêns mais

D13 - Identificar as marcas linguísticas que evidenciam o locutor e o interlocutor de um texto.

necessitado. Perguntei quantas flanelas ele tinha. Não sabia, devia ter umas 40, não vendera nenhuma naquele dia. Comprei-lhe todas, ele fez um abatimento razoável. E ficou de mãos vazias, olhando o estranho que sumia com suas 40 flanelas e nem fizera questão do troco.

<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaofz1111200803.htm>

Ao iniciar o texto com a frase – “Goiabada tinha cara de goiabada mesmo”, o produtor causa no leitor

- (A) expectativa para descobrir o que é “cara de goiabada mesmo”.
- (B) surpresa pela forma de explicar o que é goiabada.
- (C) confusão para entender o significado das palavras.
- (D) indignação pela crítica à goiabada.

Leia o texto para responder a questão abaixo:
“Oi, André!

O pessoal aqui em casa até que se vira: meu pai e minha mãe trabalham, meu irmão tá tirando faculdade, minha irmã mais velha também trabalha, só vejo eles de noite. Mas minha irmã mais moça nem trabalha nem estuda, então toda hora a gente esbarra uma na outra. Sabe o que é que ela diz? Que é ela que manda em mim, vê se pode. Não posso trazer nenhuma colega aqui: ela cisma que criança faz bagunça em casa. Não posso nunca ir na casa de ninguém: ela sai, passa a chave na porta, diz que vai comprar comida (ela vai é namorar) e eu fico aqui trancada pra atender telefone e dizer que ela não demora. Bem que eu queria pular a janela, mas nem isso dá pé: sexto andar.

[...]

Aí eu inventei que o Roberto (um grã-fino que ela quer namorar) tinha falado mal dela.

[...] Não era pra eu ter inventado nada; saiu sem querer. Sai sempre sem querer, o que é que eu posso fazer? E dá sempre confusão, é tão ruim! Escuta aqui, André, você me faz um favor? Para com essa mania de telegrama e me diz o que é que eu faço pra não dar mais confusão. POR FAVOR, sim?

Raquel”

NUNES, Lygia Bojunga. A bolsa amarela. Rio de Janeiro: Agir, 1991.

O trecho que exemplifica o uso da linguagem informal, enfatizando a intimidade entre os interlocutores é

- (A) “...meu pai e minha mãe trabalham...”
- (B) “Não posso trazer nenhum colega aqui:”
- (C) “...mas nem isso dá pé...”
- (D) “POR FAVOR, sim?”

Leia o texto para responder a questão abaixo:

Nada Tanto Assim

Leoni / Bruno Fortunato

Só tenho tempo
pras manchetes no metrô
E o que acontece na novela
Alguém me conta no corredor

Escolho os filmes
que eu não vejo no elevador
Pelas estrelas
que eu encontro
Na crítica do leitor
Eu tenho pressa
E tanta coisa me interessa
Mas nada tanto assim

Só me concentro em apostilas
coisa tão normal
Leio os roteiros de viagem
Enquanto rola o comercial

Conheço quase o mundo inteiro
por cartão postal
Eu sei de quase tudo um pouco
e quase tudo mal.

www.letrasterra.com.br

O trecho que aponta uma consequência da falta de tempo do eu do texto é

- (A) “Só tenho tempo pras manchetes no metrô”
- (B) “Só me concentro em apostilas coisa tão normal”
- (C) “Eu sei de quase tudo um pouco e quase tudo mal”
- (D) “E tanta coisa me interessa”

Leia o texto para responder a questão abaixo:

Fico Assim Sem Você

Claudinho e Buchecha

D13 - Identificar as marcas linguísticas que evidenciam o locutor e o interlocutor de um texto.

Avião sem asa, fogueira sem brasa
Sou eu assim sem você
[...]
Amor sem beijinho
Buchecha sem Claudinho
Sou eu assim sem você
Circo sem palhaço,
Namoro sem abraço
Sou eu assim sem você
Tô louco pra te ver chegar
Tô louco pra te ter nas mãos
Deitar no teu abraço
Retomar o pedaço
Que falta no meu coração
Eu não existo longe de você
E a solidão é o meu pior castigo
Eu conto as horas
Pra poder te ver
Mas o relógio tá de mal comigo
Por quê? Por quê?
[...]

Fonte: <http://letras.terra.com.br/claudio-e-buchechea>

Os versos que indicam o uso da linguagem informal, caracterizando a proximidade entre os interlocutores, são

- (A) (...) "Circo sem palhaço,
Namoro sem abraço" (...)
(B) (...) "Sou eu assim sem você
Tô louco pra te ver chegar
Tô louco pra te ter nas mãos"
(C) (...) "Retomar o pedaço
Que falta no meu coração" (...)
(D) (...) "Eu não existo longe de você
E a solidão é o meu pior castigo" (...)
Por quê? Por quê?"

Leia o texto para responder a questão abaixo:

Bom conselho

Composição: Chico Buarque
Ouça um bom conselho
Que eu lhe dou de graça
Inútil dormir que a dor não passa
Espere sentado
Ou você se cansa
Está provado, quem espera nunca alcança

Venha, meu amigo
Deixe esse regaço
Brinque com meu fogo
Venha se queimar
Faça como eu digo
Faça como eu faço
Aja duas vezes antes de pensar
Corro atrás do tempo
Vim de não sei onde
Devagar é que não se vai longe
Eu semeio o vento
Na minha cidade
Vou pra rua e bebo a tempestade
<http://letras.terra.com.br>

O verso que pode ilustrar que o eu poético se dirige a alguém que tem intimidade é

- (A) "Venha, meu amigo"
(B) "Corro atrás do tempo"
(C) "Vim de não sei onde"
(D) "Eu semeio o vento"

Leia o texto para responder a questão a seguir:

A Máquina

Lúcia Carvalho

Morreu uma tia minha. Ela morava sozinha, não tinha filhos. A família toda foi até lá, num final de semana, separar e dividir as coisas dela para esvaziar a casa. Móvel, roupa de cama, louça, quadro, livro, tudo espalhado pelo chão, uma tremenda confusão.

Foi quando ouvi meus filhos me chamarem.

– Mãe! Mãe!

– Faaala.

Eles apareceram, esbaforidos.

– Mãe. A gente achou uma coisa incrível. Se ninguém quiser, essa coisa pode ficar para a gente? Hein?

– Depende. Que é?

Eles falavam juntos, animadíssimos.

– Ééé... uma máquina, mãe.

– É só uma máquina meio velha.

– É, mas funciona, está ótima!

Minha filha interrompeu o irmão mais novo, dando uma explicação melhor.

– Deixa que eu falo: é assim, é uma máquina, tipo um... teclado de computador, sabe só o teclado? Só o lugar que escreve?

– Sei.

– Então. Essa máquina tem assim, tipo... uma impressora, ligada nesse teclado, mas assim, ligada direto. Sem fio. Bem, a gente vai, digita, digita...

Ela ia se animando, os olhos brilhando.

– ... e a máquina imprime direto na folha de papel que a gente coloca ali mesmo! É muuuuito legal! Direto, na mesma hora, eu juro!

D13 - Identificar as marcas linguísticas que evidenciam o locutor e o interlocutor de um texto.

Ela jurava? Fiquei muda. Eu que jurava que não sabia o que falar diante dessa explicação de uma máquina de escrever, dada por uma menina de 12 anos. Ela nem aí comigo. Continuava.

– ... entendeu como é, ô mãe? A gente, zupt, escreve e imprime, até dá para ver a impressão tipo na hora, e não precisa essa coisa chatíssima de entrar no computador, ligaaar, esperar hooras, entrar no Word, de escrever olhando na tela e sóóó depois mandar para a impressora, não tem esse monte de máquina tuuudo ligada uma na outra, não tem que ter até estabilizador, não precisa comprar cartucho caro, nada, nada, mãe! É muuuito legal. E nem precisa colocar na tomada funciona sem energia e escreve direto na folha da impressora.

– Nossa, filha...

(Coleção novo diálogo – Língua Portuguesa – São Paulo – FTD, 2007.)

Encontramos o registro da linguagem informal em

- (A) “Morreu uma tia minha.”
- (B) “Eles apareceram esbaforidos.”
- (C) “Ela nem aí comigo.”
- (D) “E nem precisa colocar na tomada.”

Leia o texto para responder a questão a seguir:

Bernardinho diz que derrota acontece, mas lembra que é preciso aprender

Técnico do Rio comenta irregularidade da equipe e parabeniza o Osasco Nos cinco últimos anos, o técnico Bernardinho esteve no alto do pódio da Superliga com a equipe do Rio de Janeiro. No entanto, neste domingo, em mais um duelo com o Osasco, o treinador se viu um degrau abaixo.

– A derrota acontece, mas é preciso aprender com ela. Buscar saber o que erramos para, da próxima vez, não pecarmos de novo - explicou o treinador.

Bernardinho comentou que o Rio de Janeiro foi muito irregular na partida.

Segundo ele, a equipe teve a chance do heptacampeonato, mas não soube aproveitar. Antes de deixar o ginásio do Ibirapuera, o técnico fez questão de ressaltar o esforço adversário.

– O Osasco está de parabéns. Sabíamos que não ia ser fácil, pois é sempre um grande rival. Estão brigando por este título há anos.

<http://globoesporte.globo.com/Esportes/Volei -19/04/2010>

O trecho que apresenta um comentário do produtor do texto é

- (A) “Nos cinco últimos anos, o técnico Bernardinho esteve no alto do pódio da Superliga com a equipe do Rio de Janeiro”.

(B) “No entanto, neste domingo, em mais um duelo com o Osasco, o treinador se viu um degrau abaixo.”

(C) “– A derrota acontece, mas é preciso aprender com ela.”

(D) “Antes de deixar o ginásio do Ibirapuera, o técnico fez questão de ressaltar o esforço adversário”.

Leia o texto para responder a questão a seguir:

Com a fúria de um vendaval

Em uma certa manhã acordei entediada. Estava em minhas férias escolares do mês de julho. Não pudera viajar. Fui ao portão e avistei, três quarteirões ao longe, a movimentação de uma feira livre.

Não tinha nada para fazer e isso estava me matando de aborrecimento.

Embora soubesse que uma feira livre não constitui exatamente o melhor divertimento do qual um ser humano pode dispor, fui andando, a passos lentos, em direção àquelas barracas. Não esperava ver nada de original, ou mesmo interessante. Como é triste o tédio! Logo que me aproximei, vi uma senhora alta, extremamente gorda, discutindo com um feirante.

O homem, dono da barraca de tomates, tentava em vão acalmar a nervosa senhora. Não sei por que brigavam, mas sei o que vi: a mulher, imensamente gorda, mais do que gorda (monstruosa), erguia seus enormes braços e, com os punhos cerrados, gritava contra o feirante. Comecei a me assustar, com medo de que ela destruísse a barraca (e talvez o próprio homem) devido à sua fúria incontrolável. Ela ia gritando e se empolgando com sua raiva crescente e ficando cada vez mais vermelha, assim como os tomates ou até mais.

De repente, no auge de sua ira, avançou contra o homem já atemorizado e, tropeçando em alguns tomates podres que estavam no chão, caiu, tombou, mergulhou, esborrachou-se no asfalto, para o divertimento do pequeno público que, assim como eu, assistiu àquela cena incomum.

<http://lportuguesa.malha.net/content/view/27/1/>

Dos fragmentos abaixo, aquele que exemplifica o narrador-personagem da narrativa é

(A) “Fui ao portão e avistei, três quarteirões ao longe, a movimentação de uma feira livre”.

(B) “O homem, dono da barraca de tomates, tentava em vão acalmar a nervosa senhora”.

(C) “a mulher, imensamente gorda, mais do que gorda (monstruosa), erguia seus enormes braços e, com os punhos cerrados, gritava contra o feirante.”

D13 - Identificar as marcas linguísticas que evidenciam o locutor e o interlocutor de um texto.

- (D) “Ela ia gritando e se empolgando com sua raiva crescente e ficando cada vez mais vermelha, assim como os tomates ou até mais.”

Leia o texto para responder a questão a seguir:

Terra seca

Ary Barroso

O nêgo tá, moiado de suó

Trabáia, trabáia, nêgo / Trabáia, trabáia nêgo
(refrão)

As mãos do nêgo tá que é calo só
Trabáia, trabáia nêgo
Ai “meu sinhô” nêgo tá véio
Não aguenta essa terra tão dura, tão seca,
poeirenta...

O nêgo pede licença prá falá
O nêgo não pode mais trabaiá
Quando o nêgo chegou por aqui
Era mais vivo e ligeiro que o saci

Varava estes rios, estas matas, estes campos
sem fim
Nêgo era moço, e a vida, um brinquedo prá mim
Mas o tempo passou
Essa terra secou ...ô ô
A velhice chegou e o brinquedo quebrou
Sinhô, nêgo véio tem pena de ter-se acabado
Sinhô, nêgo véio carrega este corpo cansado

cifrantiga3.blogspot.com/2006/05/terra-seca.html

O traço da linguagem informal utilizada pelos escravos está indicado no seguinte trecho:

- (A) “Não aguenta esta terra tão dura, tão seca, poeirenta...”
(B) “O nêgo não pode mais trabaiá.”
(C) “Era mais vivo e ligeiro do que o saci.”
(D) “estes campos sem fim”.

Leia o texto abaixo e responda.

Londres, 29 de junho de 1894

Lenora, minha prima

Perdi o sono, por que será? Mamãe uma visita diferente. Depois do jantar ouvimos um barulho enorme. Eram cavalos relinchando. Alguém bateu à porta. Watson, nosso mordomo, foi abrir.

Era um homem esquisito: branco, magro, vestido de preto. Meu cão Brutus começou a latir.

O homem ficou parado na porta. Disse Watson que uma roda de sua carruagem havia se quebrado. Mamãe convidou o desconhecido para entrar. Ele deu um sorriso largo, estranho.

Talvez eu estivesse com sono, mas quando ele passou diante do espelho, ele não apareceu. Mamãe ofereceu chá ao estrangeiro. Ele disse que seu nome era Drácula e que morava num lugar chama Transilvânia. E dá dormir com tudo isso? Escreve.

Edgard

Assinale a alternativa que indica quem escreveu e quem recebeu a carta.

- (A) Edgard e Drácula.
(B) Lenora e Watson.
(C) Edgard e Lenora.
(D) Drácula e Watson.

(Saresp 2005). Leia o texto abaixo e responda.

VIA LÁCTEA
SONETO XIII

“Ora (direis) ouvir estrelas! Certo
Perdeste o senso”. E eu vos direi, no entanto,
Que, para ouvi-las, muita vez desperto
E abro as janelas, pálido de espanto...

E conversamos toda a noite, enquanto
A Via Láctea, como um pálido aberto,
Cintila. E, ao vir do sol, saudoso e em pranto,
Inda as procuro pelo céu deserto.

Direis agora: “Tresloucado amigo!
Que conversas com elas? Que sentido
Tem o que dizem, quando estão contigo?”

E eu vos direi: “Amai para entendê-las!
Pois só quem ama pode ter ouvido
Capaz de ouvir e de entender estrelas.”

BILAC, Olavo, Soneto XIII. In: Via láctea. São Paulo: Abril Educação, 1980, p. 18.

O poeta conversa diretamente com o leitor no seguinte verso:

- (A) “Ora (direis) ouvir estrelas!”
(B) “E abro as janelas, pálido de espanto”
(C) “E conversamos toda a noite,”
(D) “Inda as procuro pelo céu deserto.”

(Equipe PIP). Leia o texto abaixo.

Prezado senhor,

D13 - Identificar as marcas linguísticas que evidenciam o locutor e o interlocutor de um texto.

A primeira coisa que me vem à cabeça para lhe dizer hoje não é muito original...

No entanto, se estas palavras pecam pela falta de originalidade, não pecam pela falta de sinceridade: Feliz Aniversário!

O meu sentimento mais puro é para que você possa realizar, nos anos vindouros, todos os seus projetos mais caros e preciosos, pois isso é o mínimo que uma pessoa justa e honesta como você merece.

Saiba que eu me sinto muito privilegiada por ser subordinada a alguém tão bom e sensível, que não se vale de hierarquia para humilhar ou ser arrogante com os outros profissionais.

Por tudo isso que você é, receba os meus mais sinceros votos de felicidade e o meu desejo de que o seu dia de aniversário transcorra em paz e alegria.

Um Abraço.

Rosângela

Nesse texto, os interlocutores são:

- (A) Chefe e funcionária.
- (B) Namorado e namorada.
- (C) Pai e filho.
- (D) Professor e aluno.

(SARESP2011). Leia o texto abaixo.

UM MUNDO DE COISAS PARA LER

Na próxima década, a massa de informação que circula no mundo dobrará de volume a cada oitenta dias. Pelo menos é o que dizem os especialistas. Reduzir o tempo gasto nessa leitura toda não é má ideia. Mas seria possível?

"Não conheço estudos que indiquem isso", afirma o neuroftalmologista Paulo Imamura da Universidade Federal de São Paulo. Jorge Roberto Pagura, neurocirurgião do hospital paulista Albert Einstein, discorda.

"Atividades cerebrais podem ser adestradas", afirma. O fato é que pouco se sabe sobre a fisiologia da leitura.

Para a diretora da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Marlene Carvalho, a técnica funciona para jornais, relatórios e processos. Mas não para textos literários. O cineasta americano Woody Allen pensa do mesmo modo. Criou até uma piada sobre o assunto: "Fiz um curso de leitura dinâmica

e consegui ler o romance *Guerra e Paz*, de Leon Tolstoi em apenas 15 minutos! É sobre a Rússia."

(UM MUNDO de coisas para ler. Revista *Superinteressante*, v.112, p.64, 1997. CD-ROM. Fragmento)

No artigo, o autor reproduz a fala dos especialistas consultados com a intenção de

- (A) elogiar os entrevistados.
- (B) evidenciar a polêmica referente ao tema tratado.
- (C) mostrar erudição.
- (D) enfatizar a velocidade da leitura.

(SARESP 2011). Leia o texto abaixo.

Leia trecho adaptado de um bate-papo pela internet, retirado de uma das salas do UOL.

Gata fala para MOÇO: NAO QUERO TC PQ VC PIZOU NA BOLA

André fala para Todos: Alguém q tc?

EU MESMO fala para apaixonado: QUEM E VC

Gata fala para nós: ACHO QUE APARENCIA NAO EMPORTA

EU MESMO fala para Gata: eai gata ta afim de tc

Gata fala para apaixonado: OI QTOS ANOS

Com base no diálogo transcrito da sala de bate-papo, é correto afirmar que a linguagem utilizada

- (A) incorre em erros relativos à escrita das palavras, mas mantém um nível de linguagem elevado, sem gírias.
- (B) diverge em alguns aspectos das normas ortográficas, mas é eficiente para a comunicação dos participantes do bate-papo.
- (C) recorre, com muita frequência, à utilização de siglas e abreviações, sem que haja violação das normas ortográficas.
- (D) impossibilita que todas as pessoas consigam estabelecer uma comunicação eficiente e clara numa sala de bate-papo como essa.

(SARESP 2010). Leia o texto abaixo.

O MENINO, O BURRO E O CACHORRO

D13 - Identificar as marcas linguísticas que evidenciam o locutor e o interlocutor de um texto.

Um menino foi buscar lenha na floresta com seu burrico e levou junto seu cachorro de estimação. Chegando ao meio da mata, o menino juntou um grande feixe de lenha, olhou para o burro, e exclamou:

- Vou colocar uma carga de lenha de lascas nesse burro! Então, o jumento virou-se para ele e respondeu:

- É claro, não é você quem vai levar!

O menino, muito admirado com o fato de o burro ter falado, correu e foi direto contar tudo ao seu pai. Ao chegar em casa, quase sem fôlego, disse:

- Pai, eu tava na mata, juntando lenha e, depois de preparar uma carga para trazer, eu disse que ia colocar ela na garupa do burro. Acredite se quiser, ele se virou pra mim e disse: "É claro, não é você quem vai levar!"

O pai do menino olhou-o de cima para baixo e, meio desconfiado, repreendeu-o:

- Você tá dando pra mentir agora? Onde já se viu tal absurdo? Animais não falam! Nesse momento, o cachorro que estava ali presente saiu em defesa do garoto e falou:

- É verdade, eu também estava lá e vi tudinho!

Assustado, o pobre camponês, julgando que o animal estivesse endiabrado, pegou um machado que estava encostado na parede e ergueu-o para ameaçá-lo.

Foi então que aconteceu algo ainda mais curioso. O machado começou a tremer em suas mãos, e, então, virou-se para ele e disse:

- O senhor tenha cuidado, pois esse cachorro pode me morder!

Fonte: O MENINO, o burro e o cachorro. In: *Contos populares ilustrados*. Disponível em: <<http://www.sitededicas.com.br>>. Acesso em: 24 jan. 2009.

A fala "O senhor tenha cuidado, pois esse cachorro pode me morder!" foi dita pelo

- (A) burro.
- (B) pai.
- (C) menino.
- (D) machado.

(SADEAM). Leia o texto abaixo.

Olá querida!

Todo mundo que tem um irmão ou uma irmã sabe que é normal rolar discussão. O problema é que, quando isso acontece, quem está por perto acaba tendo que interferir. Você, assim como qualquer pessoa, não gosta de levar bronca e, por isso, acaba se sentindo muito injustiçada. Mas é claro que seus pais amam vocês duas e só querem que vivam em paz. Então converse com eles e peça ajuda, dizendo que sua irmã precisa respeitar as suas coisas. Mais uma dica: não dê tanta importância às provocações da sua

irmãzinha. Talvez ela mude de comportamento, quando perceber que não conseguiu mais irritar você.

/Vitch. São Paulo: Abril, ed. 88, 2009.

Leia novamente o trecho abaixo.

"Você, assim como qualquer pessoa, não gosta de levar **bronca**..."

A palavra em destaque indica um tipo de linguagem

- A) regional, usada em grandes capitais.
- B) informal, usada por crianças e jovens.
- C) formal, usada em ambientes de trabalho.
- D) caipira, usada por pessoas do campo

(SARESP 2011). Leia o texto abaixo.

O galo que logrou a raposa

Um velho galo matreiro, percebendo a aproximação da raposa, empoleirou-se numa árvore. A raposa, desapontada, murmurou consigo: "Deixe estar, seu malandro, que já te curo!.. .. E em voz alta:

- Amigo, venho contar uma grande novidade: acabou-se a guerra entre os animais. Lobo e cordeiro, gavião e pinto, onça e veado, raposa e galinhas, todos os bichos andam agora aos beijos, como namorados.

Desça desse poleiro e venha receber o meu abraço de paz e amor.

- Muito bem! - exclama o galo. Não imagina como tal notícia me alegra! Que beleza vai ficar o mundo, limpo de guerras, crueldades e traições! Vou já descer para abraçar a amiga raposa, mas ... como lá vêm vindo três cachorros, acho bom esperá-los, para que também eles tomem parte na confraternização.

Ao ouvir falar em cachorro, Dona Raposa não quis saber de histórias, e tratou de pôr-se ao fresco, dizendo:

- Infelizmente, amigo Có-có-ri-có, tenho pressa e não posso esperar pelos amigos cães. Fica para outra vez a festa, sim? Até logo. E raspou-se.

Contra esperteza, esperteza e meia. (Monteiro Lobato. *Fábulas*)

Esse texto é narrado

- (A) pelo galo.
 - (B) pela raposa.
 - (C) pelo cachorro.
 - (D) pelo narrador observador.
-

(SADEAM). Leia o texto abaixo.

Pássaro contra a vidraça

Engraçado, de repente eu comecei a ver a tia Zilah com outros olhos. Ela não era só do bem, a tia viúva e sozinha que tinha ficado cuidando de mim. Ela era legal, uma super-mais-velha!

Nossa, eu deixei ela quase louca! Em vez dos coroas, foi ela quem me contou toda a sua viagem pela Europa... Eu fazia uma ideia tão errada, diferente: ela contando, ficou tudo tão legal, um barato mesmo.

Só pra dar uma ideia, fiquei vidrado no museu de cera da Madame Tussaud, que era uma francesa que viveu na época da Revolução. Ela aprendeu a fazer imagens de cera, e se inspirava em personagens célebres que eram levados para a guilhotina em praça pública. Depois ela mudou para a Inglaterra, e ficou famosa por lá. E hoje existe em Londres um museu de cera com o seu nome, que tem imagens de personagens famosos do mundo inteiro em tamanho natural.

Foi tão gozado quando a tia Zilah também contou que, quando ela ia saindo do museu, perguntou pra uma mulher fardada onde era a saída. E todo mundo caiu na gargalhada, porque tinha perguntado pra uma figura de cera que era sensacional de tão perfeita, parecia mesmo uma policial.

NICOLELIS, Laporta. *Pássaro contra a vidraça*. São Paulo: Moderna, 1992.

Nesse texto, palavras como “legal” (l. 9), “barato” (l. 9), “vidrado” (l. 10), “gozado” (l. 20) evidenciam um falante que também usa

A) expressões de gíria.

B) expressões regionais.

C) linguagem culta.

D) linguagem técnica.

(SEPR). Leia o texto abaixo.

Quanto vai restar da floresta?

No fim do ano passado, cientistas do Brasil e dos Estados Unidos fizeram uma previsão que deixou muita gente de cabelo em pé: quase metade da Amazônia poderia sumir nos próximos 20 anos, devido a um projeto de asfaltar estradas, canalizar rios e construir linhas de força e tubulações de gás na floresta.

O governo, que é responsável pela preservação da Amazônia e pelas obras, acusou os cientistas de terem errado a conta e estarem fazendo tempestade em copo d'água.

Você deve estar pensando, no final das contas, se a floresta está em perigo. A resposta é: se nada for feito, está.

Fonte: Cláudio Ângelo, Folha de São Paulo, São Paulo, 10/02/2001.

No texto, o autor está se dirigindo:

A) Aos cientistas.

B) Ao governo.

C) A um amigo.

D) Ao leitor.

(SEPR). Leia o texto abaixo.

A praia de frente pra casa da vó

Eu queria surfar. Então vamo nessa: a praia ideal que eu idealizo no caso particularizado de minha pessoa, em primeiramente, seria de frente para a casa da vó, com vista para o meu quarto. Ia ter umas plantaçãozinha de água de coco e, invés de chão de areia, eu botava uns gramadão presidente. Assim, o Zé, eu e os cara não fica grudando quando vai dar os rolê de Corcel! Caderno de Atividades

(...) Então, vamo nessa: na praia dos sonhos que eu falei “É o sooonho!”, teria menos água salgada! (Menas porque água é feminina) Eu ia conseguir ficar em pé na minha triquilha tigrada, sair do back side, subir no lip, trabalhar a espuma, iiiiihhhhhaaaaaaaa!(...) Fonte: Peterson Foca . Personagem “cult” de Sobrinhos do Ataíde, programa veiculado pela Rádio 89,1 FM de São Paulo.

“Eu ia conseguir ficar em pé na minha triquilha tigrada, sair do back side, subir no lip, trabalhar a espuma, iiiiihhhhhaaaaaaaa!(...)” As expressões destacadas são gírias próprias dos:

A) Professores universitários em palestra.

B) Adolescentes falando sobre surf.

C) Geógrafos analisando a paisagem.

D) Biólogos discutindo sobre a natureza.

(SADEAM). Leia o texto abaixo.

TÔ AQUI!



Já imaginei milhões de maneiras para chamar sua atenção. Já fiz mais de quinhentas caretas diferentes para que você me notasse. Já chorei rios de lágrimas pensando em você. Lotei um estádio de futebol de vontade de te ver. Já mandei um caminhão de recados. Breve vou começar a pensar que você gosta de outro...

D13 - Identificar as marcas linguísticas que evidenciam o locutor e o interlocutor de um texto.

FERNANDES, Maria; HAILER, Marco Antônio. *Alp novo: Análise, Linguagem e Pensamento*. v. 4. São Paulo: FTD, 2000. p. 106.

A expressão “Tô aqui!”, no título desse texto, revela um falante que faz uso de linguagem

- A) coloquial.
- B) formal.
- C) regional.
- D) técnica.

(AvaliaBH). Leia o texto abaixo.

Para onde vão os vaga-lumes?

– Vô, para onde vão os vaga-lumes?
– Boa pergunta, hein?
– Então responde, vô: eles ficam aí piscando quando anoitece, depois desaparecem.

Vão para onde?

– E como é que vou saber? Se eles falassem, eu pegava um e perguntava, mas...

– É que você sabe tanta coisa, né, vô...

Pensei que soubesse pra onde vão os vaga-lumes e por que bem-te-vi canta triste.

– Bem-te-vi canta triste, você acha? Se é verdade, também não sei por quê.

– Então você também não deve saber por que minhoca não tem cabelo, né?

– Isso dá pra presumir, né: como vive debaixo da terra, cabelo pra quê? – Então você tá bem desprotegido, né? Por falar nisso, vô, por que mulher não fica careca?

– Pela mesma razão que homem não tem seios. Satisfeito?

– Mais ou menos... Mas acho que, se você não sabe pra onde vão os pirilâmpas, pelo menos deve saber por que cai estrela cadente. É por cansaço?

PELLEGRINI, Domingos. In: *Crônica brasileira contemporânea*. São Paulo: Editora Moderna, 2006, p. 48-49, p. 206-207. Fragmento.

No trecho “– Boa pergunta, **hein?**” (l. 2), a palavra destacada é marca da linguagem

- A) coloquial.
- B) jornalística.
- C) literária.
- D) técnica.

(SAERS). Leia o texto abaixo.

O alho bento

Mané Frajola não tinha um centavo. Jurou que ia dar jeito na vida. E deu. Catou uma réstia de alho e saiu pro mundo, apregoando:

– Alho bento! Olha o alho bento!

Parou uma velha.

– Alho bento? Serve prá que?

– Isso aqui tira quebranto, olho gordo, azá de 7 anos. É só mordê, come metade e passá a outra metade em cima do coração!

A velha levou um dentinho, a peso de ouro. Depois veio um velho.

Repetiu a pergunta, ouviu a mesma resposta. Levou! De crédulo em crédulo, Mané Frajola vendeu a réstia toda, até o final da manhã. Estava com os cobres. Mas aí veio o Conde Drácula, chegado da Transilvânia e não gostou da história. Aquela cidade toda cheirava a alho. Resultado:

Mané Frajola foi contratado como copeiro do Conde para ganhar dinheiro e parar de vender alho bento. Milagre só acontece quando a prosa do contador de causo padece!

<http://eptv.globo.com/caipira/>

O modo como falam indica que os personagens dessa história são pessoas que

- A) vivem no campo.
- B) vivem em outro país.
- C) falam trocando letras.
- D) falam gírias de jovens.

(SAERS). Leia o texto abaixo e responda.

Texto 1

Sei lá... a vida tem sempre razão

Tem dias que eu fico pensando na vida
E sinceramente não vejo saída.

Como é, por exemplo, que dá pra entender:
A gente mal nasce, começa a morrer.

Depois da chegada vem sempre a partida,
Porque não há nada sem separação.
Sei lá, sei lá, a vida é uma grande ilusão.
Sei lá, sei lá, só sei que ela está com a razão.

A gente nem sabe que males se apronta.
Fazendo de conta, fingindo esquecer
Que nada renasce antes que se acabe,
E o sol que desponta tem que anoitecer.

De nada adianta ficar-se de fora.
A hora do sim é o descuido do não.
Sei lá, sei lá, só sei que é preciso paixão.
Sei lá, sei lá, a vida tem sempre razão.

TOQUINHO; MORAES, Vinícius de. Disponível em: <<http://letras.terra.com.br/toquinho/87372/>>.

Texto 2

Canção do dia de sempre

Tão bom viver dia a dia...
A vida assim, jamais cansa...

Viver tão só de momentos
Como estas nuvens no céu...

D13 - Identificar as marcas linguísticas que evidenciam o locutor e o interlocutor de um texto.

E só ganhar, toda a vida,
Inexperiência... esperança...

E a rosa louca dos ventos
Presa à copa do chapéu.

Nunca dê um nome a um rio:
Sempre é outro rio a passar.

Nada jamais continua,
Tudo vai recomeçar!

E sem nenhuma lembrança
Das outras vezes perdidas,

Atiro a rosa do sonho
Nas tuas mãos distraídas...

QUINTANA, Mário. Disponível em: <http://www.pensador.info/textos_sobre_vida/> .

No Texto 1, o uso da expressão “Sei lá, ...” (v. 8) revela o predomínio da linguagem

- A) científica.
- B) coloquial.**
- C) formal.
- D) regional.

(PROMOVER). Leia o texto abaixo.

Saudosa maloca

Se o senhô num tá lembrado,
dá licença de contá,
é que onde agora está
esse edifício arto,
era uma casa veia,
um palacete assobradado.
Foi aqui, seu moço,
que eu, Mato Grosso e o Joca
construímo nossa maloca.
Mas um dia, nós nem pode se alembá,
veio os home co’ as ferramenta:
o dono mando derrubá.
Peguemo toda as nossas coisas
e fumos pro meio da rua apreciá a
demolição...
Que tristeza que nós sentia,

cada tauba que caía [...]

Barbosa, A. *Disco Adoniran Barbosa*. Odeon, 1974.

Os versos “Peguemo toda as nossas coisa/ e fumos pro meio da rua/ apreciá a demolição...”, na linguagem formal, estariam adequados se fossem escritos:

- A) “Peguemos toda as nossas coisas e fumos pro meio da rua apreciá a demolição...”.
- B) “Peguemos toda as nossas coisa e fumos para o meio da rua apreciá a demolição...”.

C) “Pegamos todas as nossas coisas e fomos para o meio da rua apreciar a demolição...”.

D) “Pegamos toda as nossas coisa e fomos pro meio da rua apreciá a demolição...”.

(SAEMS). Leia o texto abaixo.

Papa-Capim e a Turma da Mata



Almanaque, n. 1, abril 2010, p.12.

No primeiro quadrinho desse texto, o trecho “Ô JOTALHÃO! QUE DEPRÊ É ESSA?” revela um locutor que faz uso de uma linguagem, predominantemente,

- A) científica.
- B) coloquial.**
- C) formal.
- D) rural.

(PROEB). Leia o texto abaixo.

O discutível amigo

O homem é o maior amigo do cão...

Há um pouco de ironia, é claro, nessa verdade. A coleira que o diga. Poucos animais têm, como o homem o instinto da propriedade, o sentido de posse. Pelo que eu observei, ao longo do meu latir pela vida, a frase devia ser modificada: o homem é o maior amigo do seu cão. Gosta do que é dele, raramente suporta o dos outros. Mas há milhões de cães pelo mundo afora com um homem, ou toda uma família, a seu

D13 - Identificar as marcas linguísticas que evidenciam o locutor e o interlocutor de um texto.

favor. Às vezes tratados como cães. Às vezes reconhecidos como gente. Principalmente quando na família há essa coisa boa que chamam criança.

LESSA, Orígenes Confissões de um vira-lata. Rio de Janeiro. Ediouro. 28.09.1972.

Esse texto mostra a opinião de

- A) uma criança.
- B) uma família.
- C) um cachorro.
- D) um homem.
